

# ***IDENTIDADE, IDENTIDADE SOCIAL, IDENTIDADE ESTIGMATIZADA***

## ***Os Povoadores Migrantes de La Escondida***

*Carlos Rodrigues Brandão*

### **APRESENTAÇÃO**

O trabalho apresentado aqui resulta de debate e uma pesquisa feitos entre professores e alunos a respeito de uma população migrante e marginal de uma via periférica de uma cidade mexicana.

Durante o Primeiro Congresso Internacional de Psicologia realizado em Monterrey, no México, alguns alunos encontraram tempo e coragem para se reunirem diariamente com dois ou três professores e participarem de um seminário subordinado ao exame de algumas teorias da Psicologia, da Sociologia e da Antropologia Social, sobre Identidade Social. Pesquisadores e profissionais como Erik Erikson, Ervin Goffman, Peter Berger, Fredrik Barth e Roberto Cardoso de Oliveira foram então lidos e discutidos. Do conjunto de leituras feitas foi escolhida aquela que Ervin Goffman praticou a respeito da análise da Identidade Estigmatizada (1).

Ainda dentro do programa do seminário (e só Deus sabe como houve ainda tempo para isso), foi preparado um estudo exploratório, feito depois junto a alguns moradores migrantes de uma pequena vila da periferia de Monterrey, chamada por seus próprios habitantes pelo nome de La Escondida.

Junto a 50 chefes de famílias migrantes foram aplicados pequenos questionários cujo objetivo foi sempre o de uma coleta sumária de informações sobre: a) a forma como foi processada a migração do lugar de origem até Monterrey, para muitos, o ponto terminal de uma longa série de trânsitos entre cidades e modos de vida; b) as condições atuais de vida e de trabalho do casal migrante; c) as perspectivas ideologicamente representadas de uma vida definida, como projeto para a família, agora moradora de uma vida marginal de uma grande cidade industrial mexicana.

Alguns migrantes foram escolhidos como informantes de umas poucas entrevistas posteriores. Dentro de uma esfera de estudos mais complexos e mais

próxima dos propósitos do próprio seminário, procuramos conhecer as variáveis de ideologia e identidade entre cujos limites, migrantes proletarizados em uma grande cidade, avaliam os termos de sua situação presente e buscam redefinir – para uma nova vida – uma outra identidade, necessariamente revista pelo trânsito entre conjunturas e entre modos de vida e de trabalho derivados.

Foi este o conceito aplicado sobre o proletário migrado para Monterrey, na realidade um sujeito de muitas vidas entre a pobreza a rejeição de agentes de outras categorias sociais, despossuído da estrutura de suas relações sociais passadas, sólidas e rurais, assim como dos valores dos sistemas de crença e identidade que, sob certos aspectos, parecem teimosamente acompanhá-lo até hoje.

### ***AS MODALIDADES DA IDENATIDADE: ALGUNS PROBLEMAS INTRODUTÓRIOS***

Entre os diversos grupos de investigadores a quem interessou uma área fronteiriça entre a Psicologia, a Sociologia e a Antropologia Social, há dois que é necessário destacar aqui:

1º – O de psicólogos, psicanalistas e antropólogos sociais reunidos sob a tendência ou a “escola” de cultura e personalidades; (2)

2º - O de psicanalistas, sociólogos e antropólogos sociais congregados em torno aos estudos de Identidade e de Identidade Social.

Em termos muito gerais, os pesquisadores da Cultura e Personalidade, por diferentes que sejam suas proposições terminais, partem de pressupostos semelhantes, sobretudo quando acreditam que algumas das relações interpessoais primárias determinantes da formação de tipos e configurações de personalidade são, por sua vez, estabelecidas culturalmente. Isso equivale a afirmar que alguns comportamentos interpessoais de efeito socializador são constituídos dentro de limites estreitos de padrões culturais. Se tais padrões são relativamente comuns no interior de uma cultura específica, devem corresponder a eles tipos comuns e específicos de personalidade, dentro do grupo cultural.

Em alguns de seus estudos, Erik Erikson recoloca, para psicólogos e psicanalistas, o problema da identidade e dos seus condicionadores sociais. (3) À sua crítica mais nuclear aos sistemas psicanalíticos ortodoxos é a de que se deixa, neles, o conjunto de determinantes estruturais, históricos e ideológicos, do lado de fora. São estes justamente os determinantes configuracionais mais relevantes do ponto de vista de um efeito socializador profundo e, uma teoria que não reconheça estes

componentes conjunturais das relações primárias responsáveis pela gênese de conflitos interpessoais e pela conformação das instâncias psíquicas do sujeito, parece limitada, para Erikson, em pelo menos três pontos:

a) em não levar em conta, dentro de situações concretas de análise, os determinantes sociais (inclusive os sócioeconômicos) sobre a própria estrutura de relações de efeito socializador direto, como as da família nuclear, por exemplo:

b) em não levar em conta a contextualização do desenvolvimento pessoal dentro do campo do desenvolvimento de uma sociedade, com fenômeno histórico e diretamente determinante de modalidades de relações interpessoais psicologicamente significativas. A pior consequência disso é não se considerar na tradição da psicologia, como pertinentes e relevantes as relações entre as crises pessoais de identidade e as crises sociais de identificação (4)

c) em não considerar a fundo os mecanismos das relações primárias, assim como alguns de seus conteúdos a nível primário, dentro do campo do ideológico, ou seja, no interior de contextos de relações tomadas por significados sociais legitimadores e determinantes das alternativas de trocas de comportamentos e de significados de comportamentos entre sujeitos envolvidos em um momento de intersubjetividade.

A presença da palavra “ideologia”, uma categoria tão sociológica, nos territórios de um psicanalista, explica-se por duas razões muito simples: 1ª) para Erikson, as relações entre as pessoas não são determinadas apenas por processos psíquicos e conteúdos explicitamente pessoais de significação, mas são invadidos pelas ideologias que, ao mesmo tempo, controlam e fornecem significados aceitos e legitimadores às próprias esferas pessoais de processos e de conteúdos de consciência; 2ª) a socialização do sujeito social é também uma longa aprendizagem da submissão de um mundo pessoalizado de conhecimentos e intenções, a um mundo ideologizado de significados e de controles. De certo modo, é possível supor que nem toda a ideologia de um segmento social está presente no super-ego de um de seus sujeitos, mas, por outro lado, tudo o que há no super-ego é ideologia pessoalizada (5).

Ora, a própria idéia de IDENTIDADE chega a Erikson como uma derivação do seu modo de historicizar e de ideologizar o campo das relações intersubjetivas determinantes da formação de sujeitos sociais. De certa forma, aprender é, para ele, o equivalente a desenvolver uma identidade do eu, como um modo pessoalizado de

reconhecimento segundo os termos da ideologia que determina os conteúdos sociais de atribuição de significados qualificadores que as pessoas de uma sociedade podem fazer a respeito de si próprias e dos outros. A identidade do eu desenvolve-se, portanto, como uma modalidade individualizada de experiência pessoal de uma identidade grupal. Uma passagem relativamente longa de Erikson poderia ser feita aqui. Nela, o autor ao mesmo tempo define a identidade grupal e faz derivar o seu conceito de identidade do eu.

*Ilustremos primeiro o conceito de identidade grupal, mediante uma referência breve às observações antropológicas realizadas por H. S. Mekeel e eu mesmo em 1938. Nós descrevemos como em um segmento da reeducação dos indígenas americanos, a histórica identidade do caçador de búfalos, entre os índios Sioux, mantém-se contraposta à identidade ocupacional e de classe de seu reeducador, o funcionário civil americano. Chamamos a atenção para o fato de que as identidades destes grupos assentam sobre as diferenças extremas de perspectivas geográficas e históricas (ego-espaço-tempo coletivo) e as diferenças radicais de metas e recursos econômicos (planos de vida coletiva) (Erikson, 1972:47, tradução de texto anterior em espanhol).*

Logo depois de apresentar um quadro verdadeiramente dramático da contradição entre os dois projetos de vida ( o do índio Sioux e o de seu professor para índio Sioux e o de seu professor para governo norte-americano, ao lado das conseqüências resultantes sobre as duas identidades, Erikson conclui da seguinte maneira:

*Não admira que as crianças indígenas, forçadas a viver de acordo com ambos os planos pareçam freqüentemente bloqueados em suas esperanças e paralizadas em suas ambições. Isto porque uma criança, ao crescer, deve derivar um sentimento vitalizador da realidade da consciência de que seu modo individual de dominar a experiência, a síntese de seu eu, é uma variante bem sucedida de uma identidade grupal e está de acordo com seu espaço-tempo e com os seus planos vitais (Erikson, 1972:48).*

Alguns dados sobre a teoria de Erikson a respeito da identidade precisam ser sumariamente desdobrados aqui antes de passarmos de uma esfera de análise da Psicologia para uma da Antropologia Social.

A nível pessoal, Erik Erikson estabelece uma diferença entre o que ele tem chamado de identidade do eu e a identidade pessoal. Esta última modalidade de reconhecimento de si mesmo, reside na consciência pessoal experimentada pelo sujeito, de possuir ele próprio uma continuidade de existência e uma uniformidade conseqüente no tempo e no espaço, acompanhada da consciência de que os outros sujeitos (outros “eus”) reconhecem esta continuidade e esta unidade. Por outro lado, a identidade do que é a qualidade simples de possuir o sujeito a sua própria existência. Em termos concretos, o “eu” existe para mim sob a forma de minha identidade dele, juntamente com os significados que eu atribuo ao qualificar o meu próprio eu, como um modo de síntese do reconhecimento pessoal do “estilo de ser” de minha pessoa.

Ao processo através do qual uma pessoa desenvolve a sua própria identidade, Erikson denomina a identificação. Este processo caracteriza-se como uma progressiva e por vezes quase dramática tomada de consciência de significados de base ideológica das experiências que um “eu” vive nos limites da consciência grupal.

Crises ideológicas de identificação grupal podem provocar crises na identificação pessoal. Uma resultante prática da proposição é a de que, ao invés de limitar a procura de problemas atuais de um jovem na biografia de seus relacionamentos com os pais, ela deve ser estendida à análise de uma crise atual da própria juventude ou, se quisermos, em um vazão de significados ideológicos e de alternativas de efetiva realização dos jovens em seu contexto social (5).

### ***IDENTIDADE SOCIAL E IDENTIDADE ÉTNICA***

Erikson parte de uma identidade pessoal. O psicanalista reconhece que a formação da consciência individual de existência; os atributos e os significados de um “eu” individualizado derivam de formas ideologizadas de significação que um grupo social produz a respeito de si próprio. Neste sentido, de acordo com Cardoso de Oliveira, é possível considerar a identidade individual e a identidade social ... “como dimensões de um mesmo fenômeno situado em níveis diferentes de realização” (Cardoso de Oliveira, 1971:4). O uso que os antropólogos sociais fazem do conceito de Identidade Social tem sido traduzido com maior freqüência em sua aplicação sobre grupos definidos através de sua vinculação a uma religião ou a uma etnia, por exemplo.

Para a análise de grupos etnicamente minoritários, reduz o conceito de identidade social à identidade étnica. Os fundamentos desta modalidade de identidade

estão em sua característica de oposição. Um grupo se identifica como uma unidade social ideologicamente definida frente a outros grupos, na medida em que é capaz de fazer contrastar um seu modo exclusivo de ser no confronto com outros grupos étnicos, sobretudo quando ciente do grupo etnicamente dominante na sociedade (6).

É evidente que o problema das bases ideológicas da identificação está, aqui, muito mais presente do que nos casos da identidade individual onde, na maior parte dos casos, a absorção de uma ideologia grupal para a identificação do sujeito é feita através de um aprendizado quase não-consciente de valores ideológicos. A oposição de identidades de grupos sociais definidos como minorias “desviantes, sejam eles religiosos, étnicos ou políticos, contém princípios de explicitação ideológica claramente reconhecidos com os quais, de uma forma ou de outra a categoria minoritária se identifica a si própria e atribui valores a grupos ou à sociedade maioritária e, sob alguns aspectos pelo menos, opressora; propõe termos próprios a respeito da “ordem do mundo” e das relações que necessita manter com a sociedade maioritária para seguir existindo como um grupo social auto-identificado como específico e, finalmente; define os limites de pertinência ao seu próprio plantel, na medida em que estabelece o código de conduta dos seus integrantes. Fredrik Barth alia a idéia de identidade étnica à manutenção de uma ordem interna própria e conservada pelo grupo minoritário, associada ao estabelecimento de fronteiras étnicas ideológicas e organizacionalmente estabelecidas nas relações entre grupos diferentes desde o ponto de vista étnico (Barth, 1969, 10 a 13).

### ***IDENTIDADE ESTIGMATIZADA***

Há pessoas que, seja por apresentarem defeitos físicos muito visíveis, seja por possuírem alguma outra marca de caráter psicológico ou social, são consideradas pelos outros como sujeitos “a evitar”. Desgraçadamente não são sequer raros os casos em que nós mesmos participamos do consenso de evitação de minorias socialmente estigmatizadas, e, ideologicamente, procuramos em nossas “verdades sociais” as legitimações culturais de um rechaço discriminatório. Procuremos discutir brevemente como, desde o ponto de vista do “possuir uma identidade”, tais pessoas portadoras de sinais estigmatizantes são percebidas e são definidas pelos outros na mesma medida em que organizam formas defensivas de redefinição de uma identidade estigmatizante. Este conceito é de Ervin Goffman (1975).

Como seres cuja simples presença física é passível de oferecer dados qualificadores de etnia, classe social, ocupação, etc, possuímos todos uma identidade social virtual e uma identidade real. E esta última a que inclui os atributos efetivos e as categorias que objetivamente deveriam ser aplicadas a uma pessoa, como resultado de seu modo próprio de experimentar a sociedade e atuar nela. Num outro extremo, a identidade virtual é aquela que se supõe a respeito de um sujeito em virtude de apreensão de dados expressivos, anteriores ao conhecimento de seus modos de participação social e derivados do que a sua simples presença sugere sob o peso do olhar de outras pessoas, seus interlocutores ou não.

O drama social do estigmatizado é que sua identidade social real, exemplo: um homem casado, pai de filhos, trabalhador e religioso, é sempre suplantado socialmente por sua identidade virtual e, no seu caso, estigmatizado como, por exemplo, ser um negro, um homem cego ou um judeu (7)

Na órbita do problema das relações entre estigmatizados e outros sujeitos sociais tidos como “normais” as alternativas de trocas de relacionamento dependem:

- a) dos graus de aceitação social do sujeito estigmatizado;
- b) das diferenças entre ser o sujeito uma pessoa já desacreditada pela evidência social de seu traço estigmatizante, ou ser ele ainda desacreditável, por Ter conseguido encobrir seu estigma ou tê-lo sob o controle de outros atributos compensatórios;
- c) das manipulações produzidas pelos sujeitos estigmatizados com respeito às suas próprias identidades, no sentido de lograr mudanças em suas condições de aceitabilidade, ou com propósitos de não permitir à sociedade dos “normais” a descoberta das dimensões de seus atributos estigmatizantes.

Diante da premência da necessidade de seguir vivendo em uma sociedade de “normais” e diante da impossibilidade de atuar nela livre de atributos sociais de uma identidade estigmatizada, o sujeito reconhecido por si mesmo e/ou pelos outros de modo depreciado, procura adotar uma das seguintes três condutas, segundo Goffman:

1ª - a correção das causas de seu estigma, por exemplo, através de uma cirurgia plástica ou da passagem forçada de uma categoria ocupacional estigmatizante para uma outra “normal”, como a de mendigo para o de trabalhador.

2ª - a superação dos limites impostos pelos atributos estigmatizantes justamente naquilo em que eles parecem definir uma diminuição de performance

diante dos “normais”. Os alpinistas cegos e os pintores “sem mãos” são um exemplo da alternativa;

3ª - o uso do estigma como o mais específico de obtenção de gratificações e reconhecimentos compensatórios (8).

Possivelmente o maior problema do sujeito com uma identidade estigmatizada é que ele percebe os “normais”, a si mesmo e às relações entre ambos, desde o ponto de vista do seu estigma, como se todas as alternativas de experiências pessoais em uma sociedade depreciadora passassem pelos limites de seus atributos depreciados, para determinar a ordem de suas relações em todas as áreas possíveis de seus trânsitos de contatos e atuação sociais. Esta percepção de si, também estigmatizada, ao lado das dúvidas com respeito aos graus de sua aceitação social e sobre as categorias e posições sociais que reconhece como suas alternativas limitadas de vida social, é fundamento da insegurança ou dos limites auto-impostos na presença e na atuação social do sujeito estigmatizado. É mais ou menos por isso que alguns jovens e alguns sujeitos de minorias estigmatizadas, atribuem uma grande importância a criar e manter grupos próprios ou instituições com evidentes propósitos contestatórios de um mundo e de uma ordem de “normais”, estabelecendo para o seu próprio uso uma ideologia que redefine a de suas sociedades, defendendo-se com os seus recursos das pressões estigmatizadoras de um sistema de instituições e de legitimações sociais e produzidos para uso dos “normais”.

Se ampliarmos o conceito de identidade estigmatizada, tal como vem sendo feito sobretudo na Antropologia Social, poderemos aplicá-lo à categoria dos migrantes rurais chegados “da roça” para as posições e os lugares periféricos e marginais das grandes cidades (8).

Vistos como “forasteiros” ou como “roceiros”, despreparados profissional e vivencialmente para trocas de relações de serviços com sujeitos já urbanizados, os migrantes experimentam pelo menos durante algum tempo de suas vidas, uma identidade de estigmatizado mais ou menos correspondente à sua posição marginal com que a grande cidade costuma recebê-los. Ao lado dos comportamentos que produzem para lograr alguma sobrevivência em um meio avassalador e hostil, eles produzem redefinições de sua identidade e de sua conduta social com vistas a escaparem de um reconhecimento depreciativo, seja reavaliando e sobre-valorizando sua condição anterior de trabalhadores rurais, seja baseando novos termos de apropriação dos atributos dos sujeitos “normais” da grande cidade.

A pesquisa realizada em Monterrey procura descrever situações e motivos do processo de migração e definir alguns pontos introdutórios às explicações de uma identidade do migrante.

### **3. La aurora EM Monterrey, no México: uma vila urbana de periferia e os seus migrantes**

A maior parte dos atuais moradores de La Aurora tem origem essencialmente rural. Entre os 50 moradores escolhidos ao acaso, dentre os que não são de Monterrey, 24 vieram de um pueblo, lugar de origem; 15 vieram de ranchos, assim como 2 vieram de fazendas e mais dois de ejidos; 7 moravam em cidades menores.

#### **QUADRO 1**

**Local de origem de 50 chefes de família hoje moradores em La Aurora**

<b>Local de origem</b>	<b>F</b>	<b>%</b>
Cidade	7	14
Pueblo	24	48
Rancho	15	30
Fazenda	2	4
Ejido	2	4
Total	50	
100		

Por outro lado, é a seguinte a distribuição dos entrevistado, segundo os seus Estados de origem.

## QUADRO 2

### Estado de origem dos moradores entrevistados

Estado	F	%
Nuevo Le	5	10
Couhila	24	48
Chihuahua	1	2
Tamaulipas	1	2
San Luis Potosi	8	16
Zecatecas	6	12
Guanajuato	3	6
Aguascalientes	1	2
Não declarado	1	2
Total	50	

100

A quase totalidade veio diretamente de um lugar de origem (de nascimento ou de residência durante muitos anos, antes da migração), para Monterrey. 74% dos entrevistados deslocou-se diretamente para Monterrey. 18% fixaram-se por algum tempo em ..... Para apenas 4% dos migrantes, a vinda para Monterrey foi progressiva, com permanência intermediária em mais de uma cidade.

## QUADRO 3

### Locais de permanência provisória depois da saída do lugar de origem e antes da chegada a Monterrey

nº de locais	F	%
--------------	---	---

	Nenhum	37	74
	1	9	18
	2	1	2
	3	1	2
	4	2	1
	Total	50	
100			

O fato de que a migração para Monterrey não é feita, em geral, através da passagem sucessivas por cidades intermediárias, ou pueblos situados “no caminho” entre o local de origem da família (ou do chefe da família), e o lugar atual de moradia e trabalho, pode ser deduzido do quadro seguinte.

#### QUADRO 4

##### Tempo de permanência em locais intermediários entre a cidade de origem e Monterrey

	Tempo de permanência	F	%
	Vinda direta	37	74
	Menos de 1 ano	2	4
	1 a 3 anos	2	4
	3 a 6 anos	1	2
	6 a 9 anos	1	2
	9 a 12 anos	2	
4	12 a 15 anos	2	4
	15 a 20 anos	0	0
	mais de 20 anos	1	2
	não declarado	2	4

	Total	50
100		

---

Dos 50 chefes de família, 2 estiveram em uma cidade intermediária por um tempo inferior a 1 ano, e mais 2 por tempo inferior a 3 anos. Outros 2 fixaram-se intermediariamente por mais 10 anos, e, finalmente, 5 estiveram em locais intermediários entre 10 e mais de 20 anos. Para todos estes, a vinda a Monterrey não se constituiu possivelmente como um “oprojeto inicial”. A saída de local de origem levou-se geralmente a uma cidade maior, e com freqüência, a um trabalho semi-urbano, ou já totalmente urbano. A vinda para Monterrey representou um “segundo passo migratório”. Reunidos os dados dos questionários com os obtidos em algumas entrevistas, podemos determinar dois tipos de processo migratório para Monterrey.

a)	x		x
	origem		Monterrey
b)	x	x	x
	origem	locais	Monterrey
		intermediários	

A diferença essencial entre os dois modos de deslocamento não está na quantidade de locais intermediários ocupados pelos migrante, chefe de família (só, ou já acompanhado dela). Essa diferença está na diversidade de projetos. Para algumas pessoas a vinda para Monterrey é a razão da saída do local de origem, e este é o caso da imensa maioria dos moradores de La Aurora. Veremos mais adiante que geralmente é pelo conhecimento de parentes já residentes na grande cidade, que novos migrantes projetam a vinda para ela. Em muitos casos a família vende “tudo o que tinha” no lugar de origem e se desloca diretamente para Monterrey. Para os que estiveram parados em lugares intermediários, Monterrey não fazia parte dos planos iniciais, ou era então colocado como um objetivo do futuro, a ser alcançado.

A maior parte dos atuais residentes em La Aurora vive em Monterrey há mais de 10 anos. É significativo constatar que 62% deles estão na cidade pelo menos a 15 anos. Encontramos apenas um caso de migração recente: uma família estabelecida na cidade há menos de 3 anos. Sendo a maior parte dos entrevistados, migrantes

com longo tempo de residência urbana em Monterrey, resulta ainda mais significativo aproximar os dados de tempo de sua permanência na cidade ao modo como expressam como se sentem a respeito de um dos aspectos que eles próprios consideram essencial: a segurança da residência na cidade. Mesmo para os moradores mais antigos de La Aurora, a insegurança quanto aos direitos de moradia é uma das principais preocupações. Ainda hoje está definido o modo como os moradores conservam direitos de residência na área, e como o terreno da vila poderá ser proximamente disputado por fábricas, ou para loteamentos de “famílias da cidade”, os seus moradores atuais expressam uma evidente ansiedade com relação ao seu futuro como moradores em Monterrey.

### QUADRO 5

#### Tempo de residência na cidade de Monterrey

	Tempo na cidade	F	%
	1 a 3 anos	1	2
	3 a 5 anos	3	6
	5 a 7 anos	2	4
	7a 9 anos		7
14			
	9 a 11 anos	2	4
	11 a 13 anos	2	4
	13 a 15 anos	2	4
	15 a 20 anos	18	
36			
	Mais de 20 anos	13	
26			
	Total	50	
100			

A respeito do modo como a família veio para Monterrey, a população entrevistada divide-se entre 5 alternativas. Em 19 casos, as famílias vieram já

constituídas para a grande cidade: o casal e pelo menos um filho, o que não exclui o fato de que outros filhos tenham já nascido em Monterrey.

Em apenas 2 casos o pai migrou antes, deixando inicialmente a família no lugar de origem, e trazendo-a, depois de estabelecido. Este caso não se confunde com o outro, muito comum, em que o chefe da família vem ligeiramente a Monterrey, para Ter contatos rápidos com parentes, e procurar, ao mesmo tempo, um lugar de residência e outro de trabalho. 8 famílias migraram pouco depois do casamento, e logicamente ainda sem filhos. São casos em que, muitas vezes, o próprio casamento já inclui o projeto de mudança para, uma grande cidade. Em 17 casos, ambos os cônjuges vieram solteiros, conheceram-se e se casaram já em Monterrey. Entre 4 famílias entrevistadas, um dos cônjuges é natural de Monterrey, e apenas o outro, migrante.

## QUADRO 6

### Modo de vida dos componentes da família para Monterrey

Modo de vida da família	F	%
Pais e filhos	19	38
Os pais ainda solteiros	17	34
Primeiro o marido	2	4
Casados, mas sem filhos	8	16
Um dos cônjuges nascido em Monterrey	4	8
TOTAL	50	100

A vinda para Monterrey determina ruptura com a cidade de origem? Por outro lado, ela representa um evento definitivo para a família?

Ambas as respostas podem ser afirmativas: a primeira de modo relativo, e a Segunda em termos absolutos.

48% dos migrantes voltaram ao seu lugar de origem, mas em muitos casos, não mais do que uma única vez. Os motivos da volta são sempre os de visita a

parentes, e os retornos são periódicos apenas no caso de pessoas que vieram de muito perto. A regra geral é a de que progressivamente são rompidos os laços com o local e os parentes de origem (os que não migraram também para Monterrey). Por outro lado, são reforçados os laços de amizade e frequência com parentes que vivem também na cidade, mesmo que sejam “mais distantes” do que os que ficaram nos lugares de origem.

Nenhum dos entrevistados retornou ao seu lugar de origem para viver de novo lá. Nas entrevistas ficamos sabendo que são muito pouco comuns casos em que a família migrante abandona Monterrey, depois de estabelecida lá, para viver e trabalhar em outras cidades, sobretudo em cidades próximas e menores. Neste sentido a vinda para a grande cidade é um evento definitivo entre os projetos da família.

### QUADRO 7

#### Retorno ao local de origem da família

Tipo de retorno	F	%
Visita	24	48
Volta definitiva	0	0
Nunca voltaram	26	52
TOTAL	50	100

#### ***Fixação em La Aurora***

A metade exata dos atuais moradores de La Aurora veio diretamente para a Vila, desde a chegada de um dos cônjuges, ou da família completa, para Monterrey. Dos restantes, 40% viveram em uma outra vila urbana, e não mais do que 4 famílias tiveram um dos cônjuges ou a família já formada vivendo em dois ou mais locais urbanos anteriores a La Aurora.

**QUADRO 8****Locais de residência em Monterrey**

<b>Local</b>	<b>F</b>	<b>%</b>
Apenas em La Aurora	25	50
Um local anterior	20	40
Dois locais anteriores	4	8
Três locais anteriores	1	2
<b>TOTAL</b>	<b>50</b>	<b>100</b>

Estes dados reunidos aos quadros anteriores evidencia o fato de que para muitos migrantes, a vinda para a grande cidade é um movimento único desde a cidade de origem até uma nova cidade de moradia e trabalho, e uma nova residência, na grande cidade. Não foram poucos os migrantes entrevistados que declararam haver vindo de seu lugar de origem diretamente para a casa onde residem há muitos anos em Monterrey.

O tempo de residência fora de La Aurora, desde quando a família chegou a Monterrey varia de menos de um ano, até 20 anos. Entre 25 moradores atuais de La Aurora que viveram antes em outras vilas urbanas, 17 estiveram em uma ou mais delas por período inferior a 10 anos. De qualquer forma, para a maior parte dos que não vieram diretamente para La Aurora, a permanência em uma outra vila não representou uma rápida passagem ou estadia, antes da fixação, considerada definitiva, em La Aurora.

**QUADRO 9****Tempo de residência em outras vilas urbanas, antes da mudança para La Escondida (Aurora)**


---

**Tempo total de moradia**

<b>antes de La Aurora</b>	<b>F</b>	<b>%</b>
1 mês a 11 meses		4
1 ano a 3 anos		18
4 anos a 6 anos		6
7 anos a 9 anos		6
10 anos a 13 anos	2	4
13 anos a 15 anos	3	6
16 anos a 20 anos	0	0
20 anos ou mais	1	2
Não declarado	2	4
<b>TOTAL</b>	<b>25</b>	<b>50*</b>

(\*) Não contados os 50% que vieram diretamente para La Aurora

## 5. Condições Atuais de Vida e Trabalho

Apenas alguns poucos itens de um completo inventário sobre as condições atuais de vida e trabalho da população entrevistada de La Aurora, foram investigados.

39% dos homens e 32% das mulheres dividem-se entre analfabetos e semi-alfabetizados (no caso os que sabem assinar o nome e ler rudimentarmente). A proporção é significativamente alta, sobretudo para o caso dos homens desde que se considere o tempo de permanência na cidade. Em posição quase oposta, 14% dos homens e 12% das mulheres alcançaram pelo menos o 6º ano primário. Apenas 2 homens chegaram a cursar algum ano do secundário.

### QUADRO 10

#### Grau de instrução: homens e mulheres adultos (100 adultos)

<b>Grau de instrução</b>	<b>F</b>	<b>%</b>	<b>Homens</b>		<b>Mulheres</b>	
			<b>F</b>	<b>%</b>	<b>F</b>	<b>%</b>
Analfabeto			13	26	10	20
Semi-analfeto			6	12	6	12
1º primário			1	2	3	6

2º primário	7	14	5	10
3º primário	9	18	11	22
4º primário	3	6	7	14
5º primário	2	4	2	4
6º primário	7	14	2	4
Secundário		2	4	0
0				
TOTAL	50	100	50	
100				

Os adultos que entrevistamos dividem-se entre ocupações braçais urbanas de baixo nível salarial (albanil, carpinteiro, bombeiro) e ocupações provisórias, típicas de sub-emprego. São trabalhadores ocupados esporadicamente e os seus salários são os mais baixos. São poucos, entretanto, os desocupados atuais. Encontramos apenas dois homens nestas condições.

O que é dito acima vale somente para o caso dos homens adultos, chefes das famílias entrevistadas. São muito poucas as mulheres casadas que aportam alguma renda mensal para a casa, e mais raras ainda as que trabalham fora do lar. Embora tenhamos encontrado vários casais jovens, quase todos têm pelo menos um filho, e a mulher ocupa-se cuidando deles, e da casa. Os dois quadros seguintes apresentam dados sobre o tipo de ocupação dos homens, e o ingresso semanal das famílias entrevistadas.

## QUADRO 11

### Ocupação atual de chefe de família

Ocupação atual	F	%	
Albanil	4	8	
Carpinteiro		1	2
Obreiro		9	18
Jardineiro		1	2
Soldador		1	2

Mecero		2	4
Velador		2	4
Descargador		6	12
Barretero		1	2
Músico		1	2
Chofer	5		10
Trabajo esporádico	11		22
Sai Trabajo		2	4
No declarado	4		8
TOTAL		50	

---

100

## QUADRO 12

### Salário semanal familiar em La Aurora

Ingresso semanal	F	%
Variável	15	30
Menos de 100 pesos		0
100 a 150		6
150 a 200		4
200 a 250		13
300 a 350		1
mais de 350		3
TOTAL		50

---

100

Para uma significativa maioria da população local, fora o trabalho, as relações sociais restantes são praticadas dentro dos limites da vila. As mulheres não têm, na prática, nenhuma “vida social” fora de La Aurora, e os homens, mesmo os que saem para divertir-se fora, fazem-no com pouca frequência. 62% dos entrevistados mantém relações constantes apenas nos limites da Vila, e 18% tanto dentro como fora de La Aurora. 14% dos entrevistados declararam não possuir relações permanentes com parentes e amigos, tanto dentro como fora da vila.

### QUADRO 13

#### Relações sociais com outras pessoas, dentro e fora de La Aurora

Relações com pessoas	F	%
Em La Aurora		31
Fora de La Aurora	9	18
Dentro e fora da Vila	3	6
Nem uma nem outra	7	14
TOTAL		50
	100	

68% das mulheres declararam não possuir qualquer forma permanente de diversão. Para as restantes a diversão divide-se entre a de tipo doméstico (televisão) ou familiar (visita a parentes). Duas mulheres consideram a missa como sua forma de diversão semanal, e apenas uma fez referência ao cinema.

O número dos que não se divertem cai para 52% entre os homens cujas ocupações do tempo de lazer são mais diversificadas: baseball, box, cinema e circo, futebol, tv e rádio, etc.

## 6. Relações entre as condições de vida e trabalho, e a migração para Monterrey

Existe alguma relação significativa entre a permanência na cidade e algumas condições atuais de vida e trabalho urbano? Existe uma suposição corrente de que, quanto mais tempo uma pessoa migrante tem de viver na cidade, tanto mais condições encontrará de ocupar melhores trabalhos e desfrutar com maior proveito dos benefícios sociais da vida da grande cidade.

Entretanto é possível supor que nos limites mais inferiores das classes sociais, o tempo de permanência não equivale necessariamente a uma melhoria acentuada de condições de vida.

Se executar qualquer tratamento estatístico mais completo, procuramos encontrar algumas relações aproximadas entre o tempo de residência e o nível salarial. Obtivemos quadro seguinte, considerada apenas a população com pelo menos 1 ano de residência em Monterrey.

#### **QUADRO 14**

##### **Relação entre o nível salarial e o tempo de permanência em Monterrey**

O salário dos migrantes residentes há menos de 10 anos dentro da cidade distribui-se de forma semelhante aos dos que estão nela entre 9 e 20 anos. O próprio salário dos que vivem em Monterrey há mais de 15 anos não é indicador de uma relação entre o tempo de residência na cidade uma efetiva melhoria de condições de trabalho. 9 entre eles possuem salários variáveis, e estão aí os casos de sub-emprego encontrados. 5 recebem salários abaixo do mínimo e 10 estão na faixa menor do salário mínimo. 6 recebem salários semanais superiores ao mínimo.

Um fato que não chega a ser inteiramente surpreendente, é o de que há alguma relação entre o nível de instrução e a faixa salarial, para o caso de migrantes ocupados em serviços como os das pessoas entrevistadas em La Aurora.

#### **QUADRO 15**

##### **Relação entre nível salarial e grau de instrução**

Os analfabetos e os semi-analfetos distribuem-se com maior freqüência na faixa do salário mínimo, e abaixo deles respectivamente, 5 e 3 adultos. Os que completaram o primário distribuem-se no salário mínimo e acima dele: respectivamente, 3 e 5 pessoas. Enquanto há 6 analfabetos com salário variável, apenas 1 pessoa com o primário completo encontra-se nestas condições.

De forma semelhante, constatamos uma ligeira tendência entre os migrantes de melhor nível salarial, a buscarem ocupação de tempo livre fora da Vila, com maior frequência do que os de menor nível salarial.

Finalmente, a respeito do tempo de residência em Monterrey, e sua relação com o grau de instrução, encontramos os dados do quadro seguinte:

Uma grande parte dos antigos migrantes não foi além dos níveis de instrução extremos: são até hoje analfabetos ou semi-analfabetizados. Eles são 12, no total. Uma explicação possível seria a de que trata-se de pessoas criadas em cidades pequenas onde não encontraram possibilidades concretas de estudo. Migraram analfabetos para a cidade, e permaneceram ali sem encontrar condições adequadas de estudo, sequer a nível primário. Entretanto são também os migrantes mais antigos os que se situam entre os que concluíram o curso primário.

### ***7. A Experiência pessoal de ser migrante em Monterrey***

São as condições da vida de agricultor, vividas no lugar de origem aquelas que determinam a mudança da família para um trabalho e uma residência urbanos. As razões apresentadas nas entrevistas de chefes família podem ser resumidas no baixo rendimento econômico familiar, obtido em troca de um trabalho rural que todos explicam como exaustivo e não compensador. A um dado momento a vida “no campo” apresenta-se como “sem saída”, por oposição a uma vida urbana, que à distância aparece como cheia de alternativas de melhoria de condições: a) em termos atuais, para o caso dos adultos, e no caso sempre ligadas às possibilidades de melhores ocupações, o que é igual a trabalho menos exaustivo o melhor salário; b) em termos atuais e futuros, para os casos dos filhos, e no caso, sempre ligadas às possibilidades efetivas de melhor estudo no presente, e uma profissão urbana, no futuro.

Parentes já fixados na grande cidade tem uma irmã, um irmão, ou mesmo outros parentes, que se vem para a cidade, concretamente. O “parente urbano” motiva a vinda, dá indicadores de melhoria com o exemplo de sua própria situação: e, finalmente, facilita o trânsito. Muitas vezes é quem aleja os membros recém-chegados da família, e ajuda o seu chefe a encontrar um novo trabalho. Não são raros os casos em que a família vem quando já encontrou em trabalho urbano para o seu chefe.

Para alguns, a vinda para a cidade grande foi, inicialmente, tomada como uma experiência, e a hipótese de retorno ao local de origem, e ao trabalho, geralmente rural, era mantida. Entretanto, para a quase totalidade, uma vez a família “instalada” em Monterrey, as alternativas de retornar são deixadas de lado, ou então colocadas ao nível de simples devaneios.

Neste sentido os migrantes de La Aurora podem ser divididos em dois grupos:

a) aqueles para quem a volta à cidade ou ao local de origem não é mais previsto como um projeto desejado;

b) aqueles para quem a volta à cidade ou ao local de origem não é mais prevista como um projeto possível.

No primeiro caso estão os que consideram melhor a situação atual, de vida urbana. São os que não pretendem retornar em hipótese alguma aos seus locais de origem. Quando comparam a vida anterior com a atual, produzem um paralelo vantajoso o bastante para o “viver na cidade”. Ele é suficientemente grande para não retornar à situação anterior à migração. Estamos bem aqui e não temos para pensar em voltar para lá. Esta poderia ser a frase simples com que as perguntas sobre se desejariam retornar. Sem deixar de reconhecer os problemas da grande cidade, são unânimes em indicar que melhoraram de vida, e definem a vinda para a cidade como uma solução.

Os do segundo grupo supõem a volta para a vida anterior à migração, como . Embora a vinda para a cidade tenha se imposto devido a dificuldades para o viver no lugar de origem, ela não representa o “progresso”.

### QUESTIONARIO

1. Cuál es el lugar de origen? (de la pareja o del hombre)

_____	_____	_____
Estado	Ciudad	

2. En que lugares vivieron antes de llegar a Monterrey?

_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____

Ciudad

Tiempo

3. Em Monterrey, en dónde vivieron antes de llegar a la Escondida?

_____	_____
_____	_____

Lugar

Tiempo

4. Cuánto tiempo tienen de vivir aqui?

Menos de 6 meses \_\_\_\_\_

De 6 meses a 1 año \_\_\_\_\_

De 1 a 3 años \_\_\_\_\_

De 3 a 5 años \_\_\_\_\_

5. Volvieron a su lugar de origen después de haber venido a Monterrey?

De visita \_\_\_\_\_

A vivir \_\_\_\_\_

6. Cómo vinieron ustedes a Monterrey?

Toda la familia \_\_\_\_\_

Los padres solteros \_\_\_\_\_

Primero el marido \_\_\_\_\_

Casados pero sin hijos \_\_\_\_\_

7.

Persona	Pers	Oc.	O	G. de	Ingreso	R	Div.
		Princ.	s. Sec.	Inst.	Sem.	eligion	Prin.
do	Mari						
r	Muje						
1	Hijo						
2	Hijo						

8. Cuáles son las gentes con que ustedes están más seguido?

a) Dela Escondida? \_\_\_\_\_

b) De afuera? \_\_\_\_\_

## NOTAS

1. A Editora Vozes publicou até agora dois dos mais importantes livros de Ervin Goffman: Estigma e A Apresentação do Eu na Vida Cotidiana. Ver bibliografia.
2. Entre os quais podem ser citados, Ralph Lintem, Abraan Kardiner e os seus colaboradores em estudos feitos nos EUA e junto a sociedades primitivas. Ver bibliografia.
3. Erikson possui dois livros traduzidos para o português pela Editora Zahar (ver bibliografia). No entanto, o resultado de suas pesquisas masi atuais, inclusive entre minorias de negros, têm sido publicado em revistas nos EUA.
4. “Finalmente, ao discutir-se identidade como agora a vemos, não podemos separar o desenvolvimento pessoal e a transformação comunitária, assim como não podemos separar (...) a crise de identidade na vida individual e a crise contemporânea no desenvolvimento histórico, porque ambas ajudam a definir uma e outra e estão verdadeiramente relacionadas entre si” (Erikson, 1973, 22).
5. “O estudo do eu na Psicanálise mal começou ainda a explicar as relações desta ‘agência interior’ com a vida social. Os homens que compartilhem dos interesses de um grupo étnico, que são contemporâneos de uma era histórica ou que concorrem e cooperam em empreendimentos econômicos, são também guiados por imagens comuns de bem e de mal” (Erikson, 1973:43).
6. Neste ponto são vibrantes e esclarecedores os estudos de Erikson sobre uma verdadeira identidade negativa através da qual o jovem, por exemplo, volta-se radicalmente contra uma identidade socialmente desejada pelos adultos, tida como ajustada, mas vazia de valores e confusa e contraditória. Há exemplos citados pelo autor, de jovens que antes preferem ser definitivamente a “pior identidade”, do que, confusamente, “a mais desejável”.  
 “A identidade negativa é a soma de todas aquelas identidades e os fragmentos de identidade que o indivíduo tem que reprimir em si mesmo por serem indesejáveis ou irreconciliáveis, ou pela qual os indivíduos atípicos e as minorias marcadas são forçadas a se sentirem “diferentes”. No caso de crises agravadas, um indivíduo (ou mesmo um grupo) pode perder as esperanças de Ter a habilidade para conter estes elementos negativos em uma identidade positiva (Erikson, apud Cardoso de Oliveira, 1971: 32).
7. A identidade contrastiva parece constituir-se na essência mesma da identidade étnica, isso é, na base sobre a qual se define. Importa a afirmação de um nós frente aos outros. Quando uma pessoa ou um grupo afirmam-se como tais, fazem-no como um meio de diferenciação a respeito de alguma outra pessoa ou grupo com quem se defrontam ... no caso da identidade étnica, ela se afirma “negando a outra identidade, etnocentricamente visualizada por ela” (Cardoso de Oliveira, 1971:5).
8. “Mientras el extraño está presente ante nosotros puede demostrar ser dueño de un atributo que lo vuelva diferente de los demás (...)
9. y lo convierte el alguien menos apetecible – en casos extremos, en una persona casi enteramente malvada, peligrosa o débil -. De esse modo, dejamos de verlo como una persona total y corriente, para reducirlo a un ser inficionado y menospreciado. Un atributo de esa naturaleza es un estigma, en especial cuando el produce en los demás, a modo de efecto, un descredito amplio; a

veces recibe también el nombre de defecto, falla o desventaja. Esto constituye una discrepancia especial entre la identidad virtual y la real” (Goffman, E, 1970:13 e 14).



## BIBLIOGRAFIA

Barth, Fredrik  
Ethnic Groups and Boundaries  
The Little Brown Series in Anthropology  
Oslo 1969

Cardoso de Oliveira, Roberto  
Identidad Etnica, Identificación y Manipulacion  
America Indigena 4 trim. 1971 vol. XXXI México

Cardoso de Oliveira, Roberto  
Um Conceito Antropológico de Identidade  
Universidade de Brasília 1974 (mimeo).

Erikson, Erik  
Juventude, Identidade e Crise  
Zahar, Ed Rio 1971

Erikson, Erik  
The Concept of Identity in Race Relations: Notes and Queries  
Dedalus vol. 95 1996

Goffman, Ervin  
A Apresentação do Eu na Vida Cotidiana  
Vozes Ed. Petropolis 1974

Goffman, Ervin  
Estigma  
Amorrortu Ed. Buenos Aires 1970

Kardiner, Abraan e outros  
Froteras Psicológicas de la Sociedad  
Fun. Cultura Econ. México 1960

Linton, Ralph  
Cultura e Personalidade

Ed. Mestre Jou São Paulo 1967

*Esta pequena pesquisa foi realizada em Monterrey, no México, como parte de um pequeno curso que eu ministrei durante um Encontro Internacional de Psicologia, se não me engano, em 1979.*



***Nesta versão “nas nuvens”  
este escrito, que foi antes um livro  
um capítulo de livro, um artigo  
ou um outro qualquer texto,  
pode ser acessado, lido e utilizado  
de forma livre, solidária e gratuita.***

***Outros escritos meus  
podem ser acessados em  
[www.apartilhadavida.com.br](http://www.apartilhadavida.com.br)***

